

uma viagem difícil

jenni hendriks e ted caplan

Tradução de Ana Mendes Lopes

Para os nossos filhos

Quilómetro 0

Estava sentada na tampa gelada da sanita da terceira cabine da casa de banho das raparigas, a apertar desesperadamente as coxas e a concentrar-me em não fazer chichi.

— Ronnie, já acabaste? Temos de nos despachar se queremos ir à primeira aula — disse a Emily. Não, não tinha acabado. E uma repreensão por chegar atrasada era a menor das minhas preocupações.

— Hmm, vai andando. Eu estou com... um problema feminino. — Só não era aquele tipo de problema mensal.

Rezei para a Emily se ir embora depressa. Aquele segundo copo de sumo de laranja e goiaba que bebi de manhã foi definitivamente um erro. Amaldiçoo a delícia pulposa. Até que, finalmente, a Emily abre a porta. A casa de banho ecoou com os passos apressados das pessoas a dirigirem-se para as salas de aulas e depois... silêncio. Permaneci muito quieta, esforçando-me por ouvir qualquer som de um aluno ou, ainda pior, de um professor a aproximar-se. Mas só ouvi o gotejar ocasional de uma torneira. Estavam todos nas salas. Soltei um enorme suspiro de alívio. E quase fiz chichi.

Estava na hora de descobrir se o meu pesadelo chegara ao fim ou se estava só a começar. Abri lentamente a bolsa da frente da minha mochila e estremei quando o som reverberou nos azulejos da parede. Apesar de estar sozinha, não conseguia evitar a sensação de que alguém sabia o que

estava prestes a fazer. Levei a mão às profundezas da mochila, tateei por entre canetas e lápis partidos espalhados no fundo e encontrei o que ali escondera. Recostei-me e observei o objeto que tinha na mão. Parecia mais pesado do que me lembrava.

Li as instruções ontem à noite. E novamente quando acordei. E mais uma vez depois do pequeno-almoço. Eu era uma excelente aluna. Mas agora que o momento chegara, a minha garganta começava a contrair-se com o pânico. E se falhasse o pau? E se fizesse isto mal? Só tinha um teste e não podia fazer asneiras. Inspirei profundamente. Eu era aluna quase de cinco, era membro do Quadro de Honra nacional e no outono ia para a universidade para a Brown. Macacos me mordessem se não era capaz de fazer chichi num pauzinho.

Rasguei o invólucro de alumínio grosso e tirei o teste de gravidez. A pequena janela de plástico fitou-me de imediato, inexpressiva, à espera para me informar do meu destino. Tentando não pensar no que estava prestes a fazer, posicionei o teste entre as pernas e fiz chichi.

Por instantes, fiquei perdida na abençoada sensação de uma bexiga a esvaziar-se rapidamente, mas depois senti uma pontada de pânico. Esqueci-me de um passo. As instruções diziam que primeiro devia deixar sair a primeira urina da manhã e *depois* colocar o teste lá em baixo. Será que isto ia invalidar o resultado? Olhei para baixo para ver se o teste estava a funcionar. A palheta fibrosa estava ensopada e a pequena janela de plástico começava a assumir um tom cinzento-claro. Era suposto ficar assim? Ou queria dizer que a tinha estragado? Devia parar o chichi?

Depois começou a aparecer uma linha fina cor-de-rosa na janela. O meu estômago contorceu-se, até que me lembrei que no panfleto dizia que aquela era a linha de controlo. Para confirmar uma gravidez era preciso aparecerem duas linhas. Esperei que o aparecimento daquela linha quisesse dizer que o teste estava a funcionar bem. Principalmente porque já tinha esgotado o chichi. Com o cuidado de manter o teste tão plano quanto possível — como mandavam as instruções —, tirei-o do meio das pernas. Três minutos. Dali a três minutos já podia ver o resultado. Iam ser os três minutos mais longos da minha vida.

Olhei para todo o lado menos para a pequena janela. Não era o tipo de rapariga para estar sempre a retocar a maquilhagem ou a fumar substâncias ilícitas, por isso nos últimos quatro anos não passei muito tempo na casa de banho das raparigas. Os 45 segundos que passei a olhar para as paredes da cabine disseram-me que não perdi grande coisa. A única

coisa que me distraiu foi uma caricatura moderadamente divertida do diretor e vários avisos desesperados sobre os genitais doentes dos rapazes da equipa de futebol — nada que me surpreendesse. Atrevi-me a olhar para o teste. Ainda só tinha uma linha.

A esperança explodiu-me dentro do peito. Talvez estivesse apenas atrasada. Talvez estivesse a entrar em pânico por nada. Como aquela vez em que pensei que tinha dado cabo do segundo ensaio no teste de Inglês Avançado. Embora não tivesse elucidado completamente as semelhanças temáticas entre *Grandes Esperanças* de Dickens e *A Feira das Vaidades* de Thackeray, consegui ter nota máxima.

Tenho andado sob muito stresse com as candidaturas à universidade, o baile de finalistas e os exames finais. Já para não falar que me candidatei para discursar na cerimónia de formatura. O mais certo era estar apenas atrasada. Pestanejei. Será que aquilo é uma débil segunda linha a aparecer? Inclinei-me em direção à porta e tentei captar um pouco mais de luz da janela. Se pelo menos...

A porta da casa de banho abriu-se de rompante.

Dei um salto. Em câmara lenta, vi o teste saltar-me das mãos e passar de raspão pela ponta dos meus dedos. Atirei-me para a frente numa tentativa desesperada para o apanhar, mas só encontrei ar. O teste virou-se de borco e aterrou no chão com um estalido impossível de não ouvir, escorregou por baixo da porta da cabine e foi a girar até parar mesmo no meio do chão da casa de banho.

Muito bem, não é altura para entrar em pânico. Preciso de manter a calma. Talvez a pessoa não o veja. Talvez seja cega. E surda. Talvez pudesse ocorrer agora um enorme tremor de terra para a escola se desmoronar e morrermos todos. Algures no estado do Missouri devia haver uma falha das placas tectónicas.

Clomp, clomp, clomp. Por baixo do espaço da porta vi aparecer um par de botas de combate pretas, já gastas, que pararam mesmo junto ao teste, agora perfeitamente iluminado por um raio de luz do sol. Uma mão aproximou-se do chão, unhas roídas curtas e um verniz verde já lascado.

— Uau.

Quem era? Quem é que tinha na sua mão o meu futuro coberto de chichi? Espreitei pela frincha da porta da cabine. *T-shirt* preta grande de mais. Calças de ganga justas rasgadas, num tamanho abaixo. Cabelo lilás desbotado com raízes pretas que parecia que não via uma escova há dias.

Não. Os deuses do liceu não podiam ser assim tão cruéis. Bailey

Butler. O buraco negro de raiva e escuridão da escola secundária de Jefferson. Se lhe disséssemos olá no corredor, ela espetava-nos o dedo. Já para não dizer o que fazia se tentássemos sentar-nos ao seu lado durante o almoço. Ela tinha uma mesa só para ela no refeitório, porque ladrava literalmente às pessoas quando tentavam sentar-se nela. Dizem as más-línguas que quando um dos defesas da equipa de futebol lhe disse qualquer coisa que a irritou, ela comprou uma navalha e gravou o nome dele. Ela era taciturna. Cínica, era uma pessoa profundamente desagradável de se ter por perto. E também costumava ser a minha melhor amiga.

A Bailey levou o teste ao nariz e cheirou.

— Ainda está fresco. — Olhou em redor da casa de banho e o seu olhar parou quando viu as minhas *Adidas Superstar* brancas. — Oh, isto vai ser divertido.

Será que ela ainda reconhecia a minha voz? Já se tinham passado quase quatro anos desde a última vez em que falámos. Por segurança, fiz uma voz mais grossa e grave.

— Hmm, se puderes atirar isso para aqui, seria ótimo. — Estendi a mão por baixo da porta e esperei que ela estivesse a sentir-se misericordiosa.

A Bailey resfolegou.

— Boa tentativa. Mas tenho quase a certeza de que o Batman não pode engravidar. — Pela frincha da porta vi-a a começar a andar de um lado para o outro, com as mãos atrás das costas e os cantos da boca virados para cima. Que maravilha. Conheço bem aquele sorriso. É igual ao que imagino que os padres da Igreja Católica tinham enquanto levavam a cabo a Inquisição Espanhola.

— Chloe McCourt? — alvitrou a Bailey. Fiquei sentada em cima da sanita num silêncio sepulcral. Eu não ia jogar este jogo com ela, de maneira nenhuma. A Bailey semicerrou os olhos. — Não. O Calvin acabou com ela. Não acredito que ela tenha arranjado outro tipo depois de queimar o equipamento do Calvin no pátio; não importa o tamanho das mamas dela. Hmm. Este é um enigma difícil. Ella Tran? Ela é suficientemente burra para confundir os *Altoids* com a pílula.

— Devolve-me isso — tentei fazer com que a minha voz grave parecesse convincente, mas só consegui fazer com que soasse desesperada.

A Bailey semicerrou novamente os olhos e examinou as minhas sapatilhas.

— Bem, temos sempre a eterna subscritora do Clube Pénis do Mês, Olivia Blume...

— Não! — explodi, ofendida.

— Ohhh. Temos uma opinião forte sobre este palpite. É uma pista. Quem é que acha que é melhor do que toda a gente? — A Bailey tocou com o dedo no queixo. — Faith Bidwell? — Ela não ia desistir. Tinha de acabar com aquilo antes que entrasse mais alguém na casa de banho.

— Caramba. Não contes a mais ninguém. Podes devolver-me isso agora? — Esperei com a mão estendida. Não tinha a certeza se ela ia acreditar na minha atuação medíocre, mas a Bailey aproximou-se da cabine. Talvez estivesse a ficar aborrecida com este jogo. Senti uma centelha de esperança. Mas depois, em vez de se curvar e me dar o teste, ela deu um salto e agarrou-se à parte de cima da porta.

— Oh, c'um caraças!

Gritei. A Bailey estava pendurada por cima da porta e a sorrir com ar travesso para mim.

— Bailey! Desce daí! — Acenei-lhe freneticamente.

— Será que estou a sonhar? A vida não pode ser tão perfeita — grasnou ela.

Corei enquanto tentava arranjar desajeitadamente a roupa, tentando puxar a roupa interior e as calças de ganga sem me expor aos olhos trocistas da Bailey.

— Importas-te? — Fitei-a furiosamente.

Para minha grande surpresa, a Bailey desceu sem protestar. Já com a roupa vestida, abri a porta da casa de banho com um estrondo. Ela estava à minha espera.

— Veronica Clarke, em carne e osso — disse com a voz arrastada. — Espera um pouco. Quero lembrar-me deste momento para sempre. — Levou a mão ao bolso de trás e tirou o telemóvel, apontando-o a mim.

— É que nem te atrevas...

Ela tirou a fotografia e depois sorriu enquanto observava o resultado.

— É exatamente como te vou recordar para sempre. — A Bailey virou o telemóvel para me mostrar a fotografia. Eu estava a meio caminho de me atirar para a câmara, com a boca aberta num rosnado surdo.

— Não publiques isso! — gritei antes de me conseguir impedir. A última coisa de que precisava agora era da humilhação total nas redes sociais.

A Bailey fez um sorriso encantador enquanto olhava uma vez mais para a fotografia, antes de voltar a guardar o telemóvel. — Relaxa. Isto é especial de mais para partilhar.

— Já acabaste? Já tens o que querias. Deixaste-me envergonhada. Fizeste troça de mim. Fizeste com que o meu dia ficasse ainda pior do que já estava. Agora podes devolver-me o teste, por favor?

A Bailey olhou para a minha mão estendida e ergueu uma sobrancelha.

— Vejo que ainda usas o teu anel da pureza. É só para manter as aparências, não é? Ou isto é uma espécie qualquer de conceção imaculada de Maria? — Tirei a mão, com o rosto a arder. Podia sempre contar com a Bailey para nunca deixar escapar um detalhe que pudesse usar para me torturar. — Uau. Tu és realmente o cliché completo.

— Eu não sou cliché nenhum! — protestei.

— A rainha do baile, a porta-voz, a menina cristã grávida é um enorme cliché.

— Antes de mais, eu candidatei-me a porta-voz, mas a Hannah Ballard tem muito mais créditos extracurriculares do que eu. Apesar de eu ter tido mais disciplinas avançadas e de achar que o meu trabalho solidário devia contar como um fator...

— Oh, por amor de Deus, tu és cá uma marrona...

— E eu fiz parte da *corte* do baile, não fui rainha. Por isso, não sou nada um cliché — concluí.

— Tens razão. Fui devidamente corrigida. As minhas mais profundas desculpas. Na verdade estás na iminência de um cliché perfeito.

— Eu sei que é quase impossível para ti, mas podes deixar de ser uma cabra para mim só durante um minuto?

A Bailey olhou para mim com um ar ligeiramente confuso.

— Não. Porque é que havia de fazer isso?

Senti que algo em mim se quebrou naquele momento. Depois de uma semana e meia de preocupação, de roubar um teste de gravidez à minha irmã mais velha, de aguentar para ir à casa de banho durante toda a manhã, agora ainda tinha de lidar com a Bailey a ser a Bailey? Aquela expressão de que as pessoas ficam a ver tudo vermelho — não é verdade. Na verdade, ficamos a ver tudo branco. É como se disparasse um *flash* à nossa frente. Mal dei por mim estava a atirar-me à mão dela que segurava o teste. A Bailey afastou a mão mesmo a tempo e recuou alguns passos enquanto eu cambaleava para a frente.

— Caraças, miúda. Acalma-te. Só te vou devolver isto quando me prometeres uma coisa.

— Podes esperar sentada — rosnei enquanto recuperava o equilíbrio

e me lançava a ela pela segunda vez. Ela bateu contra o lavatório, a rir-se das minhas tentativas frustradas de lhe tirar o teste da mão. Até que consegui agarrar-lhe no braço. Estava a socorrer-me de todas as minhas forças para tentar fazer com que ela largasse o teste quando senti uma coisa fria e afiada contra o meu pescoço.

— Eu disse para teres calma.

Fiquei petrificada, depois virei cautelosamente os olhos para olhar para o nosso reflexo no espelho da casa de banho. A Bailey estava a segurar uma caixa de plástico preta contra o meu pescoço. Demorei um instante a perceber o que era, porque só tinha visto aquelas coisas em séries policiais. Era um *taser*. Ela tinha um maldito *taser*.

— Oh, meu Deus. Como é que conseguiste trazer isso para a escola? Podes ser expulsa! E, tipo, a menos de um mês do fim das aulas!

A Bailey resfolegou.

— Claro que esse seria o teu primeiro pensamento quando alguém te aponta um *taser*. — Larguei-lhe o pulso. A Bailey baixou o aparelho e afastou-se de mim. — Bem, onde é que nós íamos? Ah, sim, a promessa. Devolvo-te o teste se me assegurares uma coisa de extrema importância: que o teu parceiro de procriação não foi o Kevin Decuziac.

Contive um gemido. Ela sabia que o Kevin era o meu namorado. A escola inteira sabia. Ele era a estrela da equipa de futebol, tocava na banda da igreja. Toda a gente gostava dele, até os meus pais. Pronto, as notas dele não eram nada de especial, mas o seu sentido de humor tonto compensava esta falha. E, mais importante, ele era completamente doido por mim. Só a Bailey podia ter alguma coisa contra o Kevin.

Ao ver a minha expressão, enrugou o nariz com horror fingido.

— QUE NOOOOJO!

— Não sei porque estás tão surpreendida — resmunguei, na defensiva.

— Sei lá, acho que estava à espera de que usasses esse teu cérebro tão avançado e acabasses com o Kevin. Ou que ele morresse de Ébola ou algo do género. Rrrgh! Rrrgh! Rrrgh! — Fez um ruído como se estivesse a engasgar-se, ou como se fosse um gato a cuspir uma bola de pelo. — Não acredito que deixaste que aquele idiota fosse para a cama contigo! — Ela curvou-se e fez de conta que estava com mais vômitos e reparei que, com o entusiasmo que dedicou à atuação de nojo, pousou o *taser* na beira do lavatório.

Aproximei-me e peguei nele enquanto ela estava entretida a fazer de conta que vomitava para o chão. Ainda fez mais alguns ruídos de vômito seco até que reparou na pequena caixa preta apontada a ela. Quando a viu, os seus olhos arregalaram-se ligeiramente e sorriu.

— Ui, estou muito impressionada.

— Dá-me isso. — Tentei fazer com que a minha voz parecesse ameaçadora, como a do meu pai quando estava zangado com o meu irmão por ele brincar com uma das suas bolas de basebol autografadas.

— Anda lá, então.

— Ando lá, onde? — Baixei ligeiramente o *taser*, confusa.

A Bailey aproximou-se, sem se preocupar minimamente com a arma-não-letal-mas-ainda-assim-provavelmente-muito-dolorosa que eu tinha apontada na sua direção.

— Nunca a usei. Quero saber qual é a sensação.

Subitamente, senti que toda a fúria me abandonava. A Bailey continuava a ser a mesma. Continuava a ser o tipo de pessoa que faria qualquer coisa estúpida, como deixar sabe-se lá quantos volts de eletricidade percorrer-lhe o corpo só para poder dizer que sabia qual era a sensação. E continuava a irritar-me profundamente.

A Bailey estava com um ar pensativo.

— Será que vou ficar a espumar pela boca?

— Eu não te vou magoar com isto.

Ela suspirou, desiludida.

— Como seria de esperar.

Ficámos ali a olhar uma para a outra, sem sabermos bem o que devia acontecer a seguir.

— Vá lá, Bailey. Nós somos amigas. — Estas não eram as palavras certas. Um sorriso cínico desenhou-se nos seus lábios.

— Ai somos?

— Quero dizer... bem...

— Estamos outra vez no sétimo ano, é? — A Bailey arregalou os olhos com surpresa fingida. Depois baixou os olhos para o peito. — Hmm. Bem, tenho aqui um belo par de D duplo, por isso acho que não. — Fitou-me furiosa. — O que quer dizer que... não, não somos amigas.

Ela nunca me ia devolver o teste. Por isso fiz a única coisa que me ocorreu. Pus o *taser* no lavatório e levei a mão à torneira. Uma gota de água caiu na parte de plástico preto.

— Ou me devolves o teste, ou o *taser* leva um banho. — Uma

expressão de verdadeiro alarme cruzou o rosto da Bailey. Abri a torneira um milímetro. Mais uma gota de água. — Tenho quase a certeza de que não é à prova de água.

A Bailey deu involuntariamente um passo na minha direção.

— Não faças isso. A minha mãe vai matar-me. É o brinquedo favorito dela depois da *Glock* cor-de-rosa. Ela agora anda obcecada com a cena da autodefesa.

Sorri e estendi a mão, à espera. Com um suspiro, a Bailey pousou-me o teste na mão com força. Os meus joelhos quase cederam sob a onda de alívio que me inundou. Sem olhar novamente para a Bailey, fui para a casa de banho mais próxima e fechei a porta.

— Oh, vá lá — disse ela atrás de mim. — Pensei que éramos as melhores amigas. Não queres partilhar este momento comigo?

Não. Não queria partilhar o momento. Eu nem queria estar a ter aquele momento, quanto mais partilhá-lo. E agora que o tinha aqui, nem conseguia olhar para o estúpido do teste.

A Bailey começou a cantar uma canção antiga da Hannah Montana.

— «*You're a true friend, you're here till the end...*»

Tentei bloqueá-la, inspirei profundamente e baixei os olhos. Duas linhas cor-de-rosa paralelas.

Positivo. O teste deu positivo.

Fiquei com o corpo gelado. A visão turva. A canção da Bailey tornou-se num zumbido abafado. Vi duas lágrimas gordas caírem sobre o teste de plástico que tinha na mão.

A canção parou. Ouvi um baque surdo e olhei para cima, para a Bailey que estava novamente debruçada sobre a porta. Nem sequer consegui sentir-me embaraçada com as lágrimas que me escorriam pela cara. Não importava. A única coisa que importava eram aquelas duas linhas.

— Caraças. — A voz dela não tinha qualquer alegria. Ela até conseguiu parecer ter um pouco pena de mim. Não sei bem porquê, mas isto ainda me fez chorar mais.

Quando, alguns minutos depois, saí da casa de banho, com o rosto inchado, mas já sem lágrimas, fiquei surpreendida por ver que ela ainda ali estava à minha espera, sentada na beira do lavatório, a abanar os pés com as suas botas de combate.

— Lamento, isso é uma treta.

Queria fitá-la furiosamente, mas nem sequer consegui cruzar o meu olhar com o dela.

— Podes guardar isto para ti? Por favor? — Quase não fui capaz de murmurar as palavras. Até a mim me soavam miseráveis e pouco convincentes. Quem guardaria para si um mexerico destes? Eu sabia bem a reputação que tinha. Aluna de cincos. Jogava na equipa de vólei. Era capitã da equipa de debate. Tinha a pele clara, o cabelo bonito e o nariz pequenino e giro. Consideravam-me A Mais Simpática e A Mais Provável a Ter Sucesso. O que queria dizer que por muito que as pessoas fizessem de conta que gostavam de mim, a maior parte delas mal podia esperar que eu metesse a pata na poça. Até conseguia imaginar a expressão convencida da Hannah Ballard quando soubesse que ia ser ela a discursar na cerimónia de fim de ano. Tinha quase a certeza de que uma gravidez era motivo de desqualificação automática. O que era tão injusto. Até parece que isto ia afetar as minhas notas e...

— Deus do céu. Seja lá o que estás a pensar agora mesmo, para com isso. Parece que estás prestes a fazer cocó. Eu não conto a ninguém. — A voz da Bailey arrancou-me da minha espiral de pânico.

— Porque não? — A pergunta escapou-se da minha boca antes de me conseguir impedir.

A Bailey encolheu os ombros.

— Porque esta escola está cheia de idiotas.

Bzzzz. O meu telemóvel começou a vibrar na mochila. Uma vez. Outra e outra ainda, enquanto o meu estômago se contorcia. Não conseguia relaxar. Era como se tivesse um letreiro enorme em néon na testa a piscar a palavra GRÁVIDA. De cada vez que via o meu reflexo enquanto atravessava os corredores, imaginava como ia ser daí a alguns meses, quando a barriga começasse a tapar-me os pés, o contorno do meu umbigo a espetar-se contra a *t-shirt*. Não tinha a certeza se a náusea que sentia era um dos primeiros sintomas ou se eram só os nervos. Mas isto nem era a pior parte. A pior parte era o motivo de o meu telemóvel estar a vibrar a cada três minutos e meio. A pior parte era o Kevin.

Não estava preparada para lhe contar. Tinha conseguido evitá-lo o dia todo. Felizmente não tínhamos aulas juntos e durante a hora do almoço escondi-me na biblioteca, um lugar onde tinha quase a certeza de que ele nunca tinha posto um pé. Só que isso não impedia as mensagens. Peguei no telemóvel.

Kevin: 🤔🕒🏠🚗

Kevin: ❤️❤️❤️❤️

Kevin: ?

Kevin: ?

Kevin: 😊

Kevin: 🤔

Kevin: 💔

Suspirei e guardei o telemóvel na mochila. Não podia evitar o Kevin para sempre. Mas o que devia dizer-lhe? *Olha, querido, apesar de termos usado sempre preservativo, e às vezes até mais do que um, consegui engravidar.* Era o pior pesadelo de todos os adolescentes. Felizmente, as aulas estavam a acabar por hoje. A minha boleia devia chegar dali a cinco minutos e o Eu de Amanhã resolveria este problema. Passei os olhos pelo parque de estacionamento à procura do *Toyota Sienna* amolgado da Sr.^a Hennison, pronta para fazer um sprint olímpico assim que o visse.

Subitamente a minha visão ficou negra à medida que duas mãos me taparam os olhos. Dei um grito.

— Adivinha quem é, amor!

Era evidente que a minha falta de sorte continuava a fazer-se sentir.

— Olá, Kevin. — Ele tirou as mãos dos meus olhos e virou-me ao contrário. Olhos azul-acinzentados, cabelo que encaracolava e virava naturalmente numa confusão gloriosa e um sorriso que me fazia derreter por dentro. Era o tipo de sorriso que, de cada vez que me via, dizia que não podia acreditar na sua sorte. Observou a minha expressão com preocupação.

— Uau. Assustei-te?

— Não. Quero dizer, um bocadinho.

Ele estendeu as mãos e começou a esfregar-me os braços.

— Está tudo bem? — Perscrutou os meus olhos. E eu desviei-os, certa de que revelariam o meu segredo. — Não respondeste às minhas mensagens.

— Desculpa. Eu... hmm... estava ocupada. — Antes de o Kevin poder fazer mais perguntas, um amigo deu-lhe uma palmada nas costas enquanto passava por nós.

— Vemo-nos na casa do Conner?

— Podes crer — assegurou o Kevin com um toque do cotovelo e

depois virou-se novamente para mim. — Conte-te que o Conner entrou na Universidade da Florida? O Quinn vai para a Arizona State. O Hudson alistou-se no Exército. Está toda a gente a ir embora.

— Eu sei. O último ano é uma loucura.

Ele olhou para baixo e uma expressão de aborrecimento cruzou-lhe o rosto.

— Estás a tentar esfregá-la na minha cara? — perguntou. Pestanejei, momentaneamente confusa, mas depois lembrei-me de que estava a usar a minha camisola de capuz nova, da Universidade Brown.

— Não. Foram os meus pais que ma compraram. Sabes como é. Eles estão superentusiasmados.

Ele brincou com o fecho do casaco por um instante e depois sorriu com ar travesso.

— Podes sempre chumbar nos exames finais. Assim ias para a Missouri State comigo. — Foi a minha vez de ficar entediada. Já tínhamos falado disto antes. Contorci-me para escapar dos braços dele.

— Podemos não voltar a...

Ele fez beicinho.

— Oh, vá lá. Só estava a meter-me contigo. — Puxou-me novamente para si. — O que se passa?

— Nada. — Não lhe podia contar. Aqui, no parque de estacionamento, rodeados por todos os nossos colegas de turma, com o Sr. Contreras a controlar o trânsito ali perto, não era exatamente a melhor altura para dar este tipo de notícias. Embora eu não fizesse a menor ideia de que local ou altura seriam os ideais.

— A sério, estava mesmo só a gozar. Sabes perfeitamente que vou a Rhode Island de carro todos os fins de semana para te ver.

— Eu sei.

— Eu amo a minha fofa inteligente que vai para uma excelente universidade — disse ele com um sorriso travesso. Era difícil resistir ao encanto dele. O meu coração contorceu-se. Eu ia dar cabo disto tudo.

— Eu também te amo. — A minha voz saiu inexpressiva, até eu me apercebi disto.

— Tens a certeza? — Ele olhou para mim, inseguro.

— Tenho. — Pus toda a convicção que consegui reunir numa única palavra, esperando que mais tarde ele se lembrasse dela.

O Kevin sorriu, satisfeito.

— Bem, é o que importa.

Esperava que sim, mas tinha sérias dúvidas. Ele beijou-me novamente. Quando a sua boca tocou na minha não cheguei a sentir a tontura do costume, a sensação de arrebatamento. Em vez disso, senti apenas uma enorme confusão de lábios, dentes e línguas. Estava demasiado nervosa. Quando fechava os olhos, a única coisa que conseguia ver eram aquelas duas linhas cor-de-rosa.

— Ronnie! Acaba lá com essa nojice e entra no carro! — A voz da Emily troou do outro lado do pátio. Afastei-me subitamente do Kevin e corri.

Da janela de trás do monovolume da Sr.^a Hennison, vi as fachadas das sapatarias e restaurantes desfilarem umas a seguir às outras como um borrão indistinto. A Emily, a Jocelyn e a Kaylee, as minhas melhores amigas desde o primeiro ano de liceu, estavam todas ocupadas com os respetivos telemóveis. Todas frequentávamos a mesma igreja e a Sr.^a Hennison levava-nos e ia buscar-nos à escola desde a segunda semana do nono ano, depois de o Joey Mitchell ter tirado o pénis das calças e o ter abanado na direção da Jocelyn, no autocarro escolar. Pouco depois o Joey foi mandado para o colégio militar, mas o estrago estava feito. Os nossos pais decidiram coletivamente que a opção mais segura era um sistema de boleias entre todos.

E foi assim que este pequeno grupo se formou. Eu tinha carta de condução, mas não tinha carro e podia contar pelos dedos de uma mão as vezes que os meus pais me deixaram usar o carro deles. Este facto, aliado às minhas aulas avançadas, ao decatlo académico, à equipa de debate e ao jornal da escola, devia ter acabado com as nossas vidas sociais, mas como o Kevin era meu namorado, éramos sempre bem-vindas em todas as festas. Não éramos as miúdas mais fixes da escola, mas toda a gente nos conhecia. E agora todas tínhamos entrado em boas universidades e íamos deixar a nossa pequena e olvidável cidade. Partindo do princípio de que passaríamos nos exames finais. E partindo do princípio de que eu... os meus pensamentos desviaram-se da verdade que teria de enfrentar se no outono quisesse já estar alojada num dormitório na Costa Este.

A Kaylee levantou os olhos do telemóvel.

— Pronto, já está tudo tratado. O meu pai concordou em alterar a viagem de pesca.

A Jocelyn sorriu amplamente.

— Tiveste de usar os «olhos de cachorrinho» ou o «lábio a tremer» para o convenceres?

— Usei factos. Disse-lhe que temos usado sempre a cabana para estudar para os exames finais e que era a última vez que o podíamos fazer, por isso os robalos iam ter de esperar. E depois chorei um bocadinho. — As raparigas soltaram gargalhadas.

Fim de semana de estudos. Até me tinha esquecido. Todos os anos passávamos o último fim de semana antes dos exames na cabana de pesca do pai da Kaylee a estudar para os testes. Inicialmente, uma das mães vinha connosco, mas no ano passado já nos tinham deixado ir sozinhas. Os pais da Jocelyn emprestaram-lhe o carro, o que talvez não tenha sido a melhor decisão que já tomaram na vida. Ela mal conseguia manter-se na sua faixa de rodagem. E as viragens à esquerda deixavam-na nervosa. Mas conseguimos chegar ao nosso destino inteiras. Estudámos pelos apontamentos, bebemos demasiados refrigerantes e vimos filmes românticos muito piegas. Foi fantástico. A Emily deu-me uma cotovelada.

— Tens a certeza de que ficas bem?

Olhei para ela, assustada. Como é que ela sabia? A minha cara estava diferente? Já estava mais gorda?

— Quero dizer, passares duas noites inteiras longe do Kevin — continuou ela. Descontraí. Eu era a única do grupo que tinha namorado e elas chateavam-me sempre por causa disso. Mas também era a sua fonte direta para informações sobre sexo, por isso nunca me chateavam demasiado.

— Podes sempre trazê-lo contigo — sugeriu a Kaylee com inocência.

— Sim, qual é a exatamente a tua opinião sobre o poliamor? — perguntou a Emily.

— Aposto que ele podia mesmo ajudar-nos a relaxar entre sessões de estudo — disse a Jocelyn a sorrir com ar travesso e a levantar as sobrancelhas.

— MENINAS! — Ralhou a Sr.^a Hennison do banco da frente e as miúdas desataram a rir.

Uma buzina aguda assustou-nos. Olhei pela janela. Era a Bailey. Vinha com um braço pendurado fora da janela do *Camry* amolgado e com o banco recostado, enquanto me acenava vagarosamente. A Emily enrugou o nariz.

— Ohhh. O que quer a Rainha da Piroseira 2020?

— Ali está a razão pela qual não vou sair daquela cabana até ter todos os meus apontamentos de cálculo memorizados. — A Kaylee tirou o livro da mochila. — Não vou acabar como ela nem morta.

A Jocelyn virou-se para mim.

— Tu não eras, tipo, amiga dela quando andavam no oitavo ou nono ano?

Os olhos da Emily arregalaram-se.

— Esqueci-me completamente disso! Ela não foi detida no ano passado, durante a visita de estudo ao Museu Laura Ingalls Wilder?

— Ouvi dizer que ela esculpiu o nome numa carruagem — acrescentou a Kaylee.

— Não, foi por ter roubado um chapéu — contrariou a Emily.

— O que é que isso importa? Vocês eram amigas, não eram? Ela foi à tua festa de anos no sétimo ano — insistiu a Jocelyn. Senti os olhos das minhas amigas a cravarem-se sobre mim, à espera de uma resposta.

— Ela só foi porque a minha mãe me obrigou a convidá-la. Mas não éramos amigas íntimas. Porque, como sabem, ela é doida de todo — respondi, fazendo um gesto circular com o dedo à volta do ouvido. As raparigas riram-se.

Arrependi-me imediatamente das minhas palavras. Não havia motivo nenhum para não lhes ter dito a verdade. As minhas amigas não se importariam com isso. Então porque me importava eu?

Dez minutos depois, sai da parte de trás do monovolume e atravesso o betão rachado do caminho de acesso para a minha casa. O meu pai já estava em casa. O seu *Ford* estava estacionado ali em frente, com um autocolante no vidro que dizia: «A minha filha é aluna do quadro de honra na Escola Secundária de Jefferson».

Abri a porta cuidadosamente para que não rangesse, atravesso o *hall* e subi as escadas em bicos dos pés para ir para o meu quarto. Abri o portátil e passei rapidamente por todas as redes sociais que me ocorreram à procura de um perfil da Bailey. Mas, como se veio a revelar, ela era mesmo uma rebelde. A única coisa que consegui encontrar foi uma página antiga de Facebook, que só tinha uma fotografia dela a espetar o dedo do meio. Suspirei e senti alguma da tensão no meu estômago a afrouxar.

Depois, com os dedos a tremer, escrevi duas palavras que soube que ia escrever assim que vi as duas linhas cor-de-rosa.

Clínica. Aborto.

O Sol já se pusera e só a luz do ecrã do meu portátil iluminava o quarto, banhando-me as mãos com um brilho azulado sinistro. Estava sem

energia e completamente exausta. Escrever aquelas duas palavras tinha sido a parte mais fácil do processo. Passei as últimas horas a navegar por entre informações desatualizadas e páginas *web* enganadoras. Até que encontrei finalmente a resposta.

Havia uma clínica a duas horas de distância. Estava salva.

Conseguia vislumbrar novamente o meu futuro. Conhecer a minha colega de quarto na Brown. Estudar até tarde na biblioteca. Debater com os meus professores. Encontrar um eventual estágio. Acabar o curso. Fazer a minha carreira na cidade grande. Arranjar um *loft* na Baixa. Comprar sapatos elegantes. Ter uma sala cheia de gente a ouvir-me conduzir uma reunião. Beber um copo no fim de um dia de trabalho. Ter a minha própria conta da Netflix. Mas o meu telemóvel continuava pousado ao meu lado. Não conseguia marcar o número. O que aconteceria se não o fizesse?

Ouvi um bebé a chorar e afastei-me do computador com um salto, assustada.

— Ronnie, desce para jantar. A tua irmã chegou — chamou a minha mãe. Fechei o computador e apressei-me a descer as escadas.

À mesa de jantar, sentei-me no lugar onde me sentava desde que me lembro de ser gente, mesmo por baixo do letreiro que dizia: «Que Deus Abençoe Esta Confusão», ao lado do meu pai. A minha almofada de xadrez sobre a velha cadeira de madeira de carvalho estava tão cheia de nódoas e tão fina que a esta altura era o mesmo que estar sentada diretamente em cima da madeira. A sala cheirava aos mil e um refogados que já ali tinham sido servidos ao longo dos anos. O aroma a frango e queijo era moderadamente reconfortante, em especial porque naquele momento o nível de decibéis da sala estava algures entre um concerto *rock* e a pista de descolagem de um aeroporto.

O meu irmão mais novo, o Ethan, estava a mexer no telemóvel do meu pai com o som altíssimo. A minha sobrinha de cinco meses estava a gritar enquanto a minha irmã Melissa tentava enfiar-lhe um biberão na boca. Ao lado dela, o meu sobrinho de dois anos estava a atirar bolachas de aperitivo em forma de peixe para o chão e a gritar: «Encontrem o Nemo! Encontrem o Nemo!» O meu cunhado andava a perseguir o filho mais velho, o Logan, à volta da mesa a implorar-lhe que se sentasse. O Logan tinha uma espécie de robô que piscava e fazia barulhos de *laser*. E no meio desta confusão toda, o meu pai estava ali sentado, a beber impenetravelmente a sua cerveja.